

O CONFLITO DE 4ª GERAÇÃO E A EVOLUÇÃO DA GUERRA IRREGULAR

GenBda R/1 Alvaro de Souza Pinheiro

“Como você bombardeia, será bombardeado; como você mata, será morto!”

Ayman al-Zawahiri (TV Al Jazeera, Dez 2006)

1. Introdução

O termo “Conflito de 4ª Geração” tornou-se conhecido entre estrategistas e planejadores militares internacionais, ao final da década de 1980, com o objetivo de caracterizar a dinâmica e a orientação geral de como fazer a guerra no futuro. Essa comunidade compartimentou a evolução dos conflitos armados, a partir do Século XVII, em quatro fases distintas. Na “1ª Geração” (a partir da “Paz de Westphalia”, acordo firmado em 1648, que propiciou o nascimento das relações internacionais entre Estados soberanos), a guerra caracterizou-se pelo emprego preponderante do “Princípio da Massa” e teve seu clímax nas épicas campanhas napoleônicas. O emprego intensivo do “Fogo” caracterizou a “2ª Geração”, que culminou na Primeira Guerra Mundial. A “3ª Geração” foi dominada pela “Manobra”, perfeitamente caracterizada pela “*blitzkrieg*”, tática brilhantemente desenvolvida pelos alemães na Segunda Guerra Mundial. Ressalte-se que os atores protagonistas nos diferentes cenários de 1ª, 2ª e 3ª Gerações eram, predominantemente, estados nacionais.

A “4ª Geração” resulta de uma evolução que visa tirar vantagem das mudanças política, social, econômica e tecnológica vivenciadas desde a Segunda Guerra Mundial. Junto aos estados nacionais, aparecem como novos atores protagonistas, organizações não estatais armadas, forças irregulares de diferentes matizes: separatistas, anarquistas, extremistas políticos, étnicos ou religiosos, crime organizado e outras, cuja principal forma de atuação se baseia nas táticas, técnicas e procedimentos da guerra irregular. Fundamentalmente, utiliza-se das vantagens que essas mudanças possam proporcionar a essas forças, independentemente de suas diversificadas motivações político-ideológicas, estruturas organizacionais, nível de apoio da população local, nível de capacitação militar e eventual suporte externo. Proliferou, particularmente, por ocasião do auge da Guerra Fria, quando a ameaça do holocausto nuclear conseqüente da confrontação entre os Estados Unidos da América (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) ameaçava o mundo.

Mao Tse Tung foi o pioneiro no emprego muito bem sucedido desse modelo de insurreição como instrumento de luta político-ideológica. Desde então, outros notórios revolucionários empenharam-se nessa trajetória, com base em lições aprendidas, não raro, no contexto de dolorosos e dramáticos processos de ensaio e erro.

A opinião pública internacional, de uma maneira geral, está ciente que o Conflito de 4ª Geração é a única modalidade em que os EUA foram batidos. E, mesmo considerando as significativas diferenças existentes entre cada crise, há que se ter em mente que não foi numa única oportunidade, foi em três: Vietnam, Líbano e Somália. Essa forma de fazer a guerra também derrotou os franceses na Indochina e os russos no Afeganistão. Na atualidade, continua “sangrando” a Rússia, na Chechênia e os EUA, no Afeganistão e no Iraque.

A constatação de que estados nacionais poderosos, sobretudo, no que se refere à sua capacitação militar, vivenciaram dramáticas derrotas em diferentes partes do globo, constitui-se, hoje, na maior motivação de grupos e facções radicais de diferentes matizes que adotaram a

subversão, a guerrilha e o terrorismo como pilares básicos dessa forma diferenciada de fazer a guerra.

Desde o término da Segunda Guerra Mundial, em diferentes partes do mundo, eclodiram alguns poucos conflitos armados convencionais e uma significativa quantidade de guerras irregulares. A Guerra da Coréia; os conflitos armados árabe-israelenses de 1956, 1967 e 1973; a Guerra das Malvinas; a Guerra Irã – Iraque e a Primeira Guerra do Golfo foram os convencionais. Em contraste com estes, eclodiram, nos cinco continentes, um grande número de sangrentos conflitos caracterizados pelo emprego intensivo de forças irregulares. Dentre outros, destacam-se: a Revolução Comunista na China; as Primeira e Segunda Guerras na Indochina; a Guerra de Independência na Argélia; e a Guerra Afegã-Soviética nos anos 80. Conflitos armados caracterizados pela assimetria entre os oponentes e que continuaram a ser desencadeados mesmo após o término da Guerra Fria, como é o caso do conflito étnico-religioso nos Bálcãs que desmembrou a antiga Iugoslávia; a Primeira Intifada, na Palestina; as Primeira Guerra (2000) e, mais recentemente (2006), Segunda Guerra do Líbano, sangrento conflito armado entre as Forças de Defesa de Israel e o Hezbollah, no sul daquele País.

Na própria América Latina, o Conflito de 4ª Geração se fez presente num grande número de países que vivenciou trágicas experiências revolucionárias de motivação predominantemente marxista-leninista. Os “Montoneros” na Argentina, os “Tupamaros” no Uruguai, o “Sendero Luminoso” no Peru, e a guerra civil na Colômbia são alguns marcantes exemplos. Nem mesmo o Brasil, País em que a luta armada motivada pelo radicalismo ideológico jamais recebeu o apoio da população, escapou dessa confrontação.

O resultado cumulativo de todas essas experiências, fundamentadas num amplo repertório de táticas, técnicas e procedimentos de guerra irregular, foi o acentuado aprimoramento de uma nova forma de fazer a guerra.

Hoje, em diferentes Teatros de Operações, tais como no Afeganistão, na Chechênia, no Iraque, na Palestina, no Líbano, no Kosovo, nas Filipinas e na Colômbia, forças irregulares de diferentes matizes, tais como o Movimento Talibã, a Frente Separatista Chechena, as FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia), a Frente de Libertação Abu Sayaf, o Hamas, o Hezbollah e, sobretudo, a Al Qaeda, de Osama bin Laden, são os atuais agentes dessas táticas, técnicas e procedimentos que, na realidade, estão sendo desenvolvidos há várias décadas, ratificando que a guerra irregular se tornou um dos instrumentos mais eficientes e eficazes na consecução de transformações radicais, quer sejam elas de cunho político-ideológico, étnico ou religioso. Transformações essas que, na atualidade, são os fatores de motivação preponderantes dos conflitos assimétricos caracterizados pela confrontação armada entre forças militares regulares estabelecidas, cuja capacitação militar é incontestavelmente superior, e forças irregulares de diferentes matizes e níveis de capacitação militar. Inequívocamente, o Conflito de 4ª Geração se apresenta como o conflito armado do Século XXI.

2. Considerações Político-estratégicas

A Vertente Psicológica

O Conflito de 4ª Geração objetiva influenciar, de forma direta, o comportamento das lideranças do inimigo responsáveis pelas tomadas de decisão e formulação de suas políticas. Esta influência, todavia, não se materializa por intermédio da destruição de suas forças armadas, conforme preconizado na “teoria do atrito” de Clausewitz, como ocorria nos Conflitos de 1ª, 2ª, e 3ª Geração. As épicas e decisivas batalhas da era napoleônica, assim como as brilhantes, profundas e velozes manobras das campanhas do Século XX são totalmente irrelevantes no contexto dessa concepção. Muito mais do que procedimentos em campos de batalha, a 4ª Geração enfatiza a forma como as mensagens contendo “idéias-força” são lançadas e captadas pelas diferentes “audiências-alvo” em presença. Os aspectos psicológicos da confrontação crescem em importância, na medida em que o desenvolvimento científico-tecnológico, no contexto de um mundo cada vez mais

globalizado, incrementa, por meio de vários métodos, a transmissão das informações em tempo real, ao vivo, e em cores, para qualquer parte do mundo.

As confrontações atualmente vivenciadas no Afeganistão e no Iraque caracterizam em toda a sua plenitude essa vertente psicológica. Em ambos aqueles Teatros, os irregulares insurretos estão enviando mensagens específicas para três diferentes audiências-alvo: a porção da população local que os apóia; a porção que está indecisa; e as lideranças da coalizão. Para aqueles que os apóiam, caracterizam suas posições de idealistas intransigentes defensores de sua soberania contra os “infiéis” invasores; para os indiferentes, a mensagem é que se afastem da confrontação e que, sobretudo, abstenham-se de apoiar os invasores porque, estes, com certeza, estão com seus dias contados no país. E para o terceiro público-alvo, particularmente para os norte-americanos que lideram a coalizão, a mensagem é que se retirem imediatamente, sob pena de terem que pagar um preço cada vez mais caro em sangue.

Há que se destacar que, na verdade, muito embora o enfoque não esteja no sucesso das operações militares desenvolvidas no terreno, o Conflito de 4ª Geração está longe de ser pacífico. Muito pelo contrário, a realidade nua e crua, qualquer que seja o ambiente operacional em presença, tem se mostrado extremamente violenta, até porque o resultado das hostilidades continua a ser uma carnificina caracterizada pelo emprego da violência física de forma cada vez mais letal. E o que incrementa, sobremaneira, a dramaticidade do cenário, é que as baixas, inevitavelmente, envolvem, cada vez mais, aquela grande maioria menos protegida, a população civil não-combatente.

O Papel da Mídia e as Organizações Internacionais

Nesse contexto de grande relevância psicológica, a mídia ganha um destaque ímpar na consecução das políticas das facções em presença. Um exemplo marcante desse papel preponderante na tomada de decisões, em todos os níveis, estratégico, operacional e tático, é o episódio vivenciado pelos norte-americanos, na Somália, durante o Governo Clinton. Inicialmente, depois de acusadas de negligentes e insensíveis, as autoridades norte-americanas, pressionadas por uma campanha fundamentada nas imagens de crianças famintas repetidamente divulgadas, decidiram enviar forças norte-americanas para incrementar a segurança das ações humanitárias planejadas e conduzidas pela Organização das Nações Unidas (ONU) naquele que, àquela altura, já era um ambiente operacional tão complexo quanto perigoso. Pouco tempo depois, em outubro de 1993, as imagens de soldados norte-americanos sendo arrastados por uma turba enfurecida no centro de Mogadiscio, resultado de uma operação especial mal sucedida, levaram as mesmas autoridades a determinar a retirada imediata dos efetivos empregados. Há que se destacar que esse malfadada experiência de guerra irregular ocorreu apenas dois anos após o retumbante sucesso convencional obtido pelos norte-americanos na Primeira Guerra do Golfo. Mais uma vez, ratificava-se a máxima de que no Conflito de 4ª Geração, insucessos ao nível tático provocam resultados desastrosos ao nível estratégico. E uma das maiores e mais urgentes operações de paz da ONU no continente africano se viu prematura e abruptamente finalizada.

Algo que se tem verificado na atualidade é que nas campanhas de propaganda de facções irregulares de 4ª Geração, a audiência, raramente é um alvo unificado. O que se observa é uma crescente fragmentação, em diferentes comunidades, cujos interesses imediatos podem levá-las a realinhamentos ou mesmo mudança de lados, dependendo de quanto uma determinada mensagem poderá afetar a consecução de seus objetivos. Na Bósnia, no auge do conflito étnico-religioso dos Bálcãs, a captura de militares de diferentes nações a serviço da ONU, por unidades do Exército Sérvio, por ocasião da campanha de ataques aéreos da OTAN, em 1995, foi o primeiro passo de um ciclo. A mídia foi utilizada para mostrar imagens de “boinas azuis” mantidos presos junto a diferentes instalações, numa tentativa de chantagear a execução dos bombardeios. Ato contínuo, os sérvios passaram a analisar, em função do divulgado pelos órgãos de comunicação social, as reações dos diversos governos nacionais envolvidos. Ou seja, realizaram um ato hostil no Teatro, divulgaram-no adequada e oportunamente para toda a opinião pública internacional, observaram as

repercussões do ato perpetrado e assim, otimizaram consistentemente suas condições de decidir qual o próximo passo. Tudo com muita agilidade, o que contrastou em muito com a lentidão das burocráticas respostas da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) no mesmo ciclo. A análise da propaganda, com seus fatores básicos, origem, conteúdo, alvo, veículo e efeito, passou a ser tema fundamental do processo decisório ao nível político-estratégico.

Destaque-se que organizações internacionais diversificadas tais como a ONU, a OTAN, a Organização dos Estados Americanos (OEA), o Banco Mundial e outras, são atores importantes nos cenários em presença nos Conflitos de 4ª Geração. Os irregulares insurretos aproveitam-se de todas as oportunidades para explorar as vulnerabilidades que essas organizações apresentam, a fim de influenciar comportamentos de suas lideranças nacionais, além de tentar retardar, ou mesmo impedir, a participação de contingentes internacionais nos conflitos.

Na realidade, os insurretos da 4ª Geração mantêm como objetivo permanente de grande prioridade, paralisar politicamente os diversos organismos internacionais, assim como o governo nacional, objeto de suas hostilidades. Não raro, essa paralisia política é obtida por métodos diversificados, como por exemplo, por ações retaliatórias na área econômica. Exemplo característico dessa estratégia foram os ataques da milícia xiita de Al Sadr aos campos de produção de petróleo do sul do Iraque; bem como de rebeldes nigerianos aos campos petrolíferos da Nigéria, obrigando o Governo a negociar, no momento em que os preços do petróleo no mercado internacional atingiam patamares nunca antes atingidos e os prejuízos na produção se faziam imensos.

Uma Experiência Brasileira Ímpar

Ao nível político-estratégico, por vezes, faz-se necessário perder, para poder ganhar decisivamente, mais à frente. No Brasil, ao final da década de 1960 e início da década de 1970, colocando em prática as táticas, técnicas e procedimentos preconizados por Carlos Marighella no seu internacionalmente difundido “Minimanual do Guerrilheiro Urbano” (tornado público em junho de 1969), organizações terroristas desencadearam uma seqüência de tentativas de seqüestro de diplomatas estrangeiros de alto nível credenciados no Brasil. Consumaram com êxito quatro dessas ações. Três embaixadores (EUA, Alemanha e Suíça) e um consul (Japão) em serviço no Brasil foram feitos reféns. Em cada um desses críticos e dramáticos eventos, foram feitas por parte dessas organizações subversivas uma série de exigências que iam desde a divulgação de pronunciamentos em cadeias nacionais de telecomunicações até a troca dos reféns por terroristas que, naquele momento, se encontravam sob custódia das autoridades de segurança. Exigências essas que, caso não fossem atendidas resultariam na eliminação sumária daquelas autoridades diplomáticas internacionais. Ressalte-se que quando da execução dessas ações de seqüestro, alguns elementos encarregados pela segurança dessas autoridades foram feridos e outros mortos.

Muito embora a opção de não negociar e de retaliar com ações contraterroristas de resgate dos reféns fosse sempre real, factível e com alto grau de probabilidade de sucesso, o Governo Brasileiro fez questão de demonstrar às opiniões públicas nacional e internacional o seu respeito pela garantia dos direitos humanos daqueles insignes representantes estrangeiros no País. Nesse contexto, o que se assistiu, na seqüência do desenrolar desses quatro seqüestros, foram todas as exigências feitas pelos terroristas serem cumpridas, com a conseqüente liberação dos importantes reféns. A cada um desses eventos, concluído dessa maneira, não faltou quem concluísse pela caracterização de uma flagrante fraqueza, ainda que momentânea, do Estado Brasileiro. Entretanto, o que se verificou, logo em seguida à conclusão de cada um desses seqüestros, foi uma resposta punitiva de comprovada eficiência e eficácia. Os órgãos de segurança, fundamentados em operações de inteligência competente e oportunamente conduzidas, desencadearam ações ofensivas extremamente bem sucedidas contra tais organizações, o que, gradativamente mas, a curto prazo, tornou-as totalmente inoperantes. Os executores foram perfeitamente identificados e todos foram responsabilizados em processos legais. Tudo conduzido com a plena aquiescência da opinião

pública nacional e internacional.

Ligações com ONG e o Crime Organizado

Outro aspecto relevante que caracteriza as ações estratégicas subversivas de 4ª Geração são as ligações das organizações insurretas irregulares com instituições transnacionais de diferentes matizes, que vão desde organizações não governamentais (ONG) até notórias organizações do crime organizado. Tais ligações transnacionais, no contexto da atual realidade globalizada, mostram-se extremamente úteis na obtenção de dividendos políticos, que contribuem decisivamente na obtenção de credibilidade e legitimidade; na facilitação do recrutamento de novos membros; na capacitação de movimentar recursos humanos e materiais de toda a natureza para qualquer parte do mundo; e, sobretudo, na obtenção de recursos econômico-financeiros de diferentes fontes, tanto legais quanto ilegais.

No que se refere à obtenção de credibilidade e legitimidade, não raro, terroristas frios e sanguinários conseguem, fruto de uma propaganda muito bem conduzida, projetar a imagem de idealistas combatentes pela liberdade, lutando contra governos com a imagem projetada de opressores dos direitos humanos fundamentais. Na atualidade, existem organizações reconhecidamente terroristas, como é o caso do Hamas e do Hezbollah, no Oriente Médio, que, dentre os dividendos auferidos, obtiveram o status de partidos políticos, contando, inclusive, com um engajado reconhecimento internacional.

Segundo relatórios recentes do *United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC)*, ratificam-se, cada vez mais, as evidências das ligações entre organizações terroristas e organizações do crime organizado, particularmente no que se refere ao tráfico de drogas e armas e à lavagem de dinheiro. Como exemplos significativos são públicas e notórias as conexões entre a Al Qaeda e os narcotraficantes de opiáceos no Afeganistão e no Paquistão; a máfia russa com os irregulares separatistas na Chechênia; e as FARC com os cartéis colombianos, mexicanos e com diferentes organizações do crime organizado sul-americanas, inclusive do Brasil, fato comprovado no episódio da prisão de Luiz Fernando da Costa (vulgo “Fernandinho Beira-Mar) um dos notórios líderes da organização criminosa “Comando Vermelho”, considerado o maior narcotraficante do País, capturado nas selvas da Colômbia, quando trocava fuzis Kalashnikov (AK-47) por cocaína refinada.

Na atualidade, uma das características marcantes da 4ª Geração é que idéias e recursos de toda a natureza movimentam-se valendo-se de diferentes métodos, que variam dos mais sofisticados tecnologicamente, como a internet e as telecomunicações, passando pelos correios convencionais, pelas mensagens anônimas codificadas expostas em classificados de jornais diários, até o mero contato pessoal. Os irregulares de diferentes matizes estão cada vez mais hábeis em operar suas comunicações clandestinas cobertas pela imensa balburdia que se constitui a rotina da comunicação globalizada nos dias de hoje. Todos os artifícios possíveis de serem explorados para a consecução de suas atividades subversivas, o estão sendo com muita propriedade. Em consequência, no atual contexto do Conflito de 4ª Geração, cada vez mais difícil se torna a detecção operacional das atividades clandestinas de um sem número de organizações de insurretos irregulares.

3. O Terrorismo

Embora seja um fenômeno antigo, cujas primeiras manifestações foram registradas ainda na Idade Antiga, o terrorismo, como instrumento revolucionário político-ideológico surge efetivamente com a Revolução Francesa, na década final do Século XVIII. Sua trajetória atravessou os Séculos XIX e XX, passando portanto, pelos Conflitos de 2ª e 3ª Gerações, atingindo a 4ª Geração, e se tornando um dos seus pilares básicos. No contexto das confrontações irregulares desencadeadas em diferentes partes do mundo quando da Guerra Fria, evidenciou-se uma

concepção que analistas internacionais identificam, hoje, como “terrorismo clássico”. Entretanto, ao final do Século XX, após a dissolução da URSS, com o conseqüente término do Conflito Bi-polar, aparece uma nova forma de terrorismo. O “moderno terrorismo” que, baseado em radicais concepções fundamentalistas islâmicas, se apresenta com características peculiares que o diferenciam sobremaneira da versão anterior. Os eventos que marcaram de forma definitiva a entrada em cena dessa mais recente concepção foram, indiscutivelmente, os ataques perpetrados pela Al Qaeda nos EUA em 11 de setembro de 2001.

Diferenciações entre o Terrorismo Clássico e o Moderno

Fundamentalmente, em termos de diferenças entre o “terrorismo clássico” e o “moderno terrorismo” verificam-se os seguintes aspectos, a seguir enunciados. No que se refere à abrangência, o “terrorismo clássico” era eminentemente local e o “terrorismo moderno”, globalizado. Quanto à motivação religiosa, era secular; e o atual, religioso radical. Quanto à motivação política, era nacional, focado na auto-determinação, ideologicamente marxista-leninista; o atual, imperialista teocrático, com base no direito corânico (Sharia). Quanto à estrutura, era fixa, nos países hospedeiros, sendo hierarquicamente organizada; o atual, estrutura móvel, organizada em redes. Quanto aos atores, era perpetrado por organizações identificadas com precisão (ETA basco, IRA irlandês, Frente de Libertação da Palestina, Baader-Meinhof alemão, Brigadas Vermelhas Italianas, etc), as ações eram assumidas de imediato; no atual, proliferaram inúmeras novas organizações, a maioria desconhecida (proveniente de diferentes grupos, étnicos, seitas religiosas, etc), ações assumidas com retardo. Quanto ao poder de combate, era baseado em armamento portátil e munições convencionais, ações de efeito limitado, preocupação com a opinião pública; o atual, introdução do atentado suicida empregando explosivos improvisados de grande poder de destruição, além do armamento portátil, emprego de armamento coletivo de grande potência (inclusive mísseis e foguetes), ameaça de emprego de agentes químicos, biológicos e nucleares (QBN), efeitos físicos indiscriminados (fundamento básico de que quanto maior a destruição, melhor), nenhuma preocupação com a opinião pública. Quanto aos alvos a atingir, eram claramente identificados (políticos e militares); atualmente, são simbólicos e difusos (população civil). Quanto à lógica da confrontação, no “terrorismo clássico”, era previsível, orientada por objetivos palpáveis e definidos, executada por indivíduos identificados; no “moderno terrorismo”, imprevisível, opera de forma totalmente indiscriminada, inimigos invisíveis. Como raciocinar com lógica, enfrentando fanáticos que, visando causar o maior terror possível, usam como arma a própria morte e que ambicionam atingir o paraíso, matando em nome de Deus?

Os atentados de 11 de setembro de 2001 marcam um divisor de águas muito claro no Conflito de 4ª Geração. Osama bin Laden, milionário saudita, líder da Al Qaeda e principal ideólogo do atual radicalismo fundamentalista islâmico, desenvolve uma dramática combinação de militância sunita com táticas, técnicas e procedimentos terroristas xiitas iranianos. Hoje, Bin Laden é o principal ator de um sinistro emaranhado de grupos terroristas, cuja inteligência está a seu serviço e de organizações por ele terceirizadas. Diferentemente dos atos terroristas do passado, nos quais a tomada de reféns era vista como um prelúdio para negociações visando a obtenção de dividendos políticos, as operações da Al Qaeda são projetadas com um único objetivo em mente: o máximo de terror. Objetivo alcançado pela ação de terroristas suicidas fanaticamente engajados na tentativa de provocar o máximo de baixas possíveis aos inimigos, incluindo-se a população civil não-combatente.

Os EUA e a Guerra Global contra o Terror

Os trágicos acontecimentos ocorridos naquela data, acompanhados por todo o mundo em tempo real, ao vivo e em cores, destruíram o mito da inviolabilidade dos EUA no seu próprio território. Muito embora, imediatamente após aqueles dramáticos eventos que vitimaram mais de 3

000 pessoas, o Governo Bush tenha se declarado em estado de “Guerra Global contra o Terror”e, nesse contexto, desencadeado duas campanhas ofensivas sucessivas, a primeira sobre o Afeganistão e a segunda contra o Iraque, uma estratégia realmente unificada, abrangente e decisiva mostrou-se lenta na sua formulação e difícil de se sustentar.

Na prevenção e combate ao terrorismo transnacional, os EUA, fundamentalmente, desencadearam três ações estratégicas, quais sejam: prevenir e combater o terrorismo no território norte-americano; prevenir e combater o terrorismo em suas áreas de homizio, em diferentes regiões do mundo, valendo-se da cooperação com diferentes nações amigas; e retaliar estados nacionais que apoiem ações terroristas. Nesse contexto, uma série de medidas foram tomadas, inclusive algumas com repercussões extremamente significativas no seio da administração federal norte-americana, como por exemplo: as ativações do *Homeland Security Department* e do *Director of National Intelligence*; no âmbito do Ministério da Defesa, a responsabilidade pelo combate ao terror passou ao *Special Operations Command (SOCOM)*; e a aprovação do *Patriot Act*, uma legislação que, dentre outras, possibilita aos órgãos de inteligência a investigação sigilosa das atividades de indivíduos colocados sob suspeição, sem acusação formal juridicamente formulada.

No cenário atual, há que se reconhecer como fatos indiscutíveis: já há seis anos que o território continental norte-americano está livre de ataques terroristas (e há que se reconhecer que isto não se deve ao estabelecimento de uma trégua); nenhum país muçulmano teve seu governo tomado por simpatizantes da Al Qaeda; os EUA não podem considerar as campanhas em curso no Afeganistão e no Iraque como bem-sucedidas; e Bin Laden, embora a estrutura da Al Qaeda esteja bastante enfraquecida, permanece livre e disposto à condução de novos ataques.

Na verdade, diversificados atentados, bem como tentativas frustradas, desencadeados em diferentes partes do mundo, ratificam que o terrorismo transnacional encontra-se vivo e que, indiscutivelmente, é a maior ameaça atual à paz e à segurança internacionais. Sobretudo, a utilização de armas QBN de destruição em massa, permanece uma ameaça potencial. A prestação de serviços entre diferentes organizações terroristas também se apresenta como um novo fator complicador transnacional. Um exemplo, muito próximo, foi a captura, em Bogotá, de elementos do IRA irlandês que treinavam e conduziam frações das FARC na execução de atentados terroristas a bomba.

Nesse contexto, há que se ter em mente que não há nenhuma região do mundo que se possa considerar imune à ameaça do terrorismo transnacional.

O Terrorismo na América Latina e no Brasil

A América Latina, quando do período do conflito Leste-Oeste, em plena Guerra Fria, particularmente ao final da década de 1960 e ao início da década de 1970, vivenciou em praticamente todos os seus países, com maior ou menor intensidade, manifestações do “terrorismo clássico”, predominantemente localizadas e, ideologicamente, marxista-leninistas. Ressalte-se que na sua grande maioria, diferentemente do que ocorreu, na mesma época, no Continente Africano, essas experiências foram muito mal sucedidas na sua consecução final, que era a implantação de regimes políticos radicais de extrema esquerda.

Mas, é impositivo não esquecer que a Argentina foi palco de ações terroristas transnacionais de grande impacto, como foi o caso dos atentados desencadeados pelo Hezbollah (conforme registrado nos autos dos processos instalados pela justiça argentina) em Buenos Aires, em 1992 e 1994, os quais, embora visassem agredir o Estado de Israel, na verdade, enlutaram centenas de famílias de inocentes cidadãos argentinos.

O Brasil, especificamente entre os anos de 1968 e 1975, vivenciou manifestações de terrorismo perpetradas por diferentes organizações de cunho marxista-leninista, trotskista, maoísta e castrista. O Brasil foi, seguramente, o País com o maior número de organizações subversivas de

diferentes matizes atuando simultaneamente. Ao adotarem esse tipo de guerra, fanatizados pela ideologia, os insidiosos e solertes terroristas desencadearam uma intensa onda de violência: atentados a bomba com ou sem mortes; ataques a organizações militares; seqüestros de autoridades estrangeiras; assassinatos seletivos e indiscriminados; assaltos a bancos, carros pagadores, lojas de armas, e a pedreiras; e tentativas de implantação de campos de treinamento de guerrilha rural; tudo complementado por um intensivo esforço de propaganda – o fundamento básico da guerra irregular.

Naquele período, o Movimento Comunista Internacional (Cuba, China e URSS, em particular) incrementava o incentivo e o apoio à luta armada no Brasil. Luta armada, que se constituiria na semente da “revolução socialista”, cujo objetivo era a implantação de um regime totalitário de extrema esquerda. Em função da excepcionalidade da situação, o Estado Nacional Brasileiro agredido desencadeou uma competente, legítima e muito bem-sucedida resposta. Legitimidade reforçada quando evidências inequívocas ratificaram que essas organizações contavam com o apoio do exterior, que lhes inspirava e lhes fornecia doutrina revolucionária, eficiente propaganda, apoio político, recursos financeiros, e treinamento de terroristas; enfim, subsídios de toda ordem.

Ao final de 1975, a luta armada revolucionária estava completamente derrotada. E o Brasil se caracterizou por dois fatos extremamente marcantes. Foi o único país da América Latina em que essa luta fratricida jamais recebeu qualquer tipo de apoio da população brasileira. As forças irregulares nunca conseguiram massa crítica para estabelecer um braço armado ostensivo (forças de guerrilha), nem mesmo no episódio da tentativa rural no Araguaia. As ações de combate do inimigo interno sempre foram perpetradas por forças subterrâneas, tipicamente terroristas.

E o Brasil foi também o único país da América Latina que resolveu os seus problemas de segurança interna sem a presença nem de tropa nem de assessores militares estrangeiros; o que, incontestavelmente, tornou suas Forças Armadas internacionalmente reconhecidas e significativamente diferenciadas no cenário latino-americano. Destaque-se que o imenso e diversificado montante de ensinamentos colhidos, em todos os níveis, permanece extremamente valioso até os dias de hoje.

Na atualidade, o Brasil assinou e ratificou todos os acordos, convenções e tratados sobre terrorismo no âmbito da ONU e da OEA. Entretanto, uma parcela significativa da sociedade brasileira entende que o Brasil está absolutamente imune a qualquer ameaça terrorista. Essa postura se justificaria em função da distância física das crises e conflitos que vêm ameaçando a paz e segurança internacionais, bem como em função de uma política que contempla a defesa da liberdade de culto e respeito às diferenças étnicas, religiosas e culturais, comprovadas pela amistosa convivência de nacionais e imigrantes de diversificadas raças, credos e condição social.

Na verdade, o território nacional de uma potência emergente que, em função de sua crescente estatura político-estratégica, aspira à ocupação de um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU, pode vir a ser cenário de atentados. Há que se considerar que, além da presença de representações diplomáticas e empresariais de países considerados inimigos por organizações terroristas internacionais, o Brasil tem interesses em vários continentes, em sociedade com empresas de países que são considerados alvos do terrorismo. Assim, o País não pode negligenciar o acompanhamento da atuação de grupos extremistas internacionais, bem como da preparação de sua infra-estrutura de segurança, sendo a cooperação com outros Estados Nacionais fundamental para prevenir e combater o fenômeno do terrorismo.

Nesse contexto, há que se destacar a ativação muito bem sucedida do Grupo 3+1 (Argentina, Brasil, Paraguai e EUA) na região da fronteira tríplice (Foz do Iguaçu, Puerto Iguazu e Ciudad del Leste), uma área que possui uma das maiores populações muçulmanas da América Latina e que, conforme as autoridades de segurança argentinas, foi o local do planejamento e da preparação dos atentados de 92 e 94, em Buenos Aires. Essa região também se constitui num relevante conduto de diferentes ilícitos penais, destacando-se o narcotráfico, o contrabando de armas, a “pirataria” e a lavagem de dinheiro. A ativação desse Grupo incrementou sobremaneira a criação de mecanismos voltados para a prevenção do terrorismo, criação de uma política de combate a essa ameaça, buscar

o aproveitamento comum dos produtos da Inteligência, e promover a cooperação e uma capacitação mútua de contraterrorismo.

No momento, o que se pretende é o desenvolvimento de uma integração de políticas e estratégias nas esferas federal, estadual e municipal, envolvendo todos os instrumentos de segurança disponíveis (incluindo Forças Armadas, Inteligência, Relações Internacionais e Segurança Pública) para que se possa fazer face eficiente e eficazmente às crises relacionadas com essa ameaça transnacional. A consolidação dessa iniciativa poderá estar na criação de um Núcleo de Prevenção e Combate ao Terrorismo que, subordinado ao Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República (GSIPR), coordenará os esforços nesse assunto em todo o País, orientando a política nacional antiterror e realizando estudos com o objetivo de antecipar-se a eventuais atentados.

4. Considerações Operacionais e Táticas

A Idiossincrasia Clausewitziana

A maioria dos países do mundo ocidental possui sistemas de educação profissional militar largamente influenciados pelos pensamentos do General Karl von Clausewitz. Nesse contexto, verifica-se um consenso de que não importa se o caráter do conflito armado é predominantemente regular ou irregular. Predomina a idéia de que, numa visão estratégica, a guerra irregular conduzida por forças irregulares de diferentes matizes é governada exatamente da mesma maneira que a guerra convencional.

Na verdade, pensamentos dessa natureza são bastante questionáveis, porque significativas evidências, antigas e atuais, têm demonstrado que adoção da “teoria de atrito” de Clausewitz não tem se mostrado adequada para a condução bem sucedida de campanhas contra forças irregulares, particularmente nos níveis operacional e tático. E há que se ter em mente que num ambiente de guerra irregular, muito freqüentemente, um revés ao nível tático tem desastrosas conseqüências estratégicas. O Conflito de 4ª Geração exige primordialmente que planejadores militares compreendam toda a dramaticidade da radical mudança no ambiente operacional.

Um dos aspectos mais controversos da teoria clausewitziana quando aplicada nas campanhas contra forças irregulares, refere-se à concepção de “*centro de gravidade*”, definido como “*o ponto focal de todo poder e movimento, do qual tudo depende.*” Continua ele, “*...a destruição da força inimiga é o princípio predominante da guerra ... e o centro de gravidade é sempre aonde se deve concentrar a massa decisivamente.*” O que ocorre, é que mais de 200 anos depois de feitas essas considerações, tornou-se evidente que a vida nos países modernos está baseada em sistema de sistemas. O governo central, os governos locais, instituições militares, órgãos de comunicação, lei e ordem, sociedade, economia, dentre outros, são alguns desses sistemas. Cada um deles possui um “centro de poder” físico ou virtual (que não é exatamente um centro de gravidade), o qual varia em dimensões e importância de acordo com as condições do ambiente operacional em presença, que é passível de freqüentes mudanças. Assim, tornou-se fora de propósito (diferentemente, por exemplo, do que ocorreu no Vietnã) determinar a destruição da força inimiga como ponto focal do sucesso de uma campanha contra forças irregulares. Até porque, há uma série de outras condicionantes, muitas das quais não militares, que devem, numa visão holística, ser objeto de consideração, em situações dessa natureza.

O Conflito Assimétrico

Forças irregulares, desde há muito, verificaram que não podem competir com o poder de combate militar convencional e com suas renovadas tecnologias. Dessa forma, passaram a selecionar outras esferas e dimensões que lhes assegurem significativas vantagens. Os ambientes operacionais de selva e, principalmente, de áreas urbanas densamente edificadas são, destacadamente, aqueles que lhes proporcionam as mais significativas vantagens, porque restringem

as capacitações científico-tecnológicas do oponente com o maior poder de combate. Ratifica-se, na atualidade, que a ciência e a tecnologia continuam permeando a história dos conflitos armados, como uma de suas dimensões, porém, jamais como a mais importante.

Como dizia Mao Tse Tung: *“se o inimigo tiver sua vontade de lutar afetada, então sua capacidade militar, sem importar quão poderosa seja, passa a ser irrelevante.”* Este é o fundamento principal da concepção do conflito assimétrico de 4ª Geração. E a subversão, a guerrilha e o terrorismo tornam-se instrumentos preponderantes nesse contexto. As conexões entre esses instrumentos e o ambiente urbano das cidades tornaram-se muito fortes e tornou-se impositivo entendê-las muito bem. A possibilidade de se misturarem com a população civil não-combatente lhes assegura uma vantagem marcante. Cresce, cada vez mais, a dificuldade de se identificar combatentes no seio da população. Em consequência, muito frequentemente, as forças irregulares estabelecem seus sistemas de comando e controle nas cidades, onde se encontram suas principais fontes tanto de recursos humanos quanto materiais. E é também nas cidades que se encontram os seus alvos prioritários. Daí porque, no Conflito de 4ª Geração, as operações em ambiente urbano ganham uma significativa dimensão.

As Operações Ofensivas, as Forças Regulares e as FOpEsp

As operações ofensivas são prioritárias no contexto da guerra irregular. Significativas experiências contra forças irregulares em diferentes ambientes operacionais avalizam quatro diretrizes prioritárias. Estabelecer forças tarefa de pequeno porte, dotadas de grande mobilidade tática, letais, e capazes de operar de forma altamente descentralizada. Ganhar e manter a iniciativa, utilizando todas as dimensões e mantendo uma constante pressão proativa sobre as forças irregulares. Ter sempre em mente que, uma vez estabelecido o contato, particularmente, nos ambientes operacionais, onde avulta a ação de choque a curta distância (como é o caso dos ambientes de selva e áreas urbanas densamente edificadas), há que se empregar todo o poder de combate decisivamente. Mas, jamais empregar a violência física inapropriadamente. Regras de engajamento bem elaboradas e disseminadas por todos os escalões são imprescindíveis para a manutenção da proporcionalidade da resposta. E ter sempre em mente que é fundamental manter e demonstrar altos padrões de moral em todas as oportunidades.

Cada vez mais, as operações contra forças irregulares em todos os seus matizes (interdição do apoio externo, controle da população e recursos, operações tipo polícia, ações cívico-sociais, reconstrução das instituições e da infra-estrutura básica, e operações de combate) estão demandando forças regulares especificamente adestradas. Destacam-se nesse contexto, pelas suas características ímpares de seleção de pessoal, intensidade do adestramento em operações de guerra irregular, e dotação de armamentos, munições e equipamentos especiais, as Forças de Operações Especiais (FOpEsp). Estas terão sempre um papel preponderante, seja liderando ou apoiando o esforço. Rotineiramente, operarão diretamente subordinadas ao maior escalão em presença. Além de capacitadas a adestrar forças regulares, uma das tarefas específicas a ser conduzida pelas Forças Especiais é o desenvolvimento da capacitação operacional de forças irregulares aliadas. Nos ambientes operacionais em que isso seja possível, torna-se um trunfo absolutamente indispensável para o êxito da campanha.

Acompanhando essa tendência global, o Exército Brasileiro ativou em 2002 a sua Brigada de Operações Especiais (BdaOpEsp), cuja base foi o 1º Batalhão de Forças Especiais (1º BFEsp), “Batalhão Antonio Dias Cardoso”, corpo de tropa de elite, internacionalmente conceituado, altamente especializado e com um destacado histórico de experiências em operações especiais e de guerra irregular. A atual Brigada integra elementos de Forças Especiais, de Ações de Comandos, de Operações Psicológicas, bem como elementos especiais de apoio ao combate e logístico. Embora com pouco tempo de ativada, a BdaOpEsp já possui no seu acervo uma série de missões especiais da maior relevância, inclusive fora do território nacional, como foi o caso do oportuno e muito bem-sucedido resgate emergencial de cidadãos brasileiros, quando da crise que conflagrou a

Costa do Marfim, e a presença atual do Destacamento de Operações Especiais que integra o contingente brasileiro no Haiti.

Destaque-se que no Conflito de 4ª Geração, as operações de combate a serem desenvolvidas não excluem a possibilidade do desencadeamento de operações convencionais contra forças regulares hostis que, eventualmente, venham a apoiar as forças irregulares. A Guerra do Vietnam é o exemplo mais característico de uma campanha de guerra irregular com um componente eminentemente convencional.

Mas, no atual Conflito de 4ª Geração, verificou-se, em recentes episódios, que forças irregulares estão empregando meios que, anteriormente, eram exclusivos de forças regulares. É o caso dos intensos duelos desencadeados entre artilharias de saturação pelo fogo do Exército Israelense e do Hezbollah. Este, integralmente constituído por forças irregulares, graças a um significativo suporte de Irã e Síria, recebeu material e teve seu pessoal irregular adestrado no emprego de mísseis e foguetes de pequeno e médio alcance, bem como de viaturas blindadas de transporte de pessoal (VBTP) no mais recente conflito no sul do Líbano. Esses episódios incrementaram dramaticamente o número de baixas no seio da população civil não-combatente. O Hamas também já se apresenta com uma capacitação de fogos de saturação de curto alcance, bem como dotação de VBTP. Também na Chechênia e nos Bálcãs, forças irregulares incrementaram sua mobilidade tática com viaturas blindadas sobre rodas. Todos esses episódios caracterizam uma evolução significativa na condução da guerra irregular.

Conforme as características específicas do ambiente operacional em presença, cresce, em relevância, o planejamento e a execução de operações combinadas. Experiências colhidas em diferentes cenários, inclusive em ambientes operacionais do continente sul-americano, ratificam, sobremaneira, o indispensável apoio das aeronaves de asa fixa e rotativa da Força Aérea, bem como da Aviação do Exército, tanto na parte operacional quanto na logística. Acrescente-se que, muito recentemente, também tornou-se uma rotina imposta pela necessidade, em diferentes ambientes operacionais, o emprego combinado de FOpEsp de Exército, Marinha (Armada e Fuzileiros Navais) e Força Aérea. Estas, via de regra, constituem Forças Tarefas Combinadas de Operações Especiais (FTCbOpEsp), sempre subordinadas ao mais alto escalão em presença.

A Relevância da Inteligência

O aspecto essencial mais ratificado no Conflito de 4ª Geração, ao longo do tempo, é que a Inteligência é a chave do sucesso de qualquer campanha contra forças irregulares. E, na atualidade, mais do que nunca, a Inteligência orienta as Operações. E num ambiente de guerra irregular, ocorrem superposições nos níveis de inteligência, com uma tendência para privilegiar o nível tático. Por isso, a exigência por uma cerrada coordenação em todos os níveis é fundamental. A Inteligência Humana prepondera significativamente sobre as Inteligências de Sinais e de Imagens, importantes sim, porém, via de regra, coadjuvantes. Derrotar forças irregulares não demanda apenas a obtenção de uma inteligência humana proativa, mas também a capacidade de atuar decisiva e imediatamente após a obtenção dos dados necessários. Esse procedimento se mostra muito mais eficaz do que esperar a força irregular atuar para, só então, reagir.

E, nesse contexto, a fonte de informações mais valiosa é o militante irregular capturado. Comandantes em todos os escalões devem estar em condições de explorar adequada e oportunamente essa fonte. E essa necessidade cria um tremendo dilema em ambientes operacionais de guerra irregular, porque, da mesma forma, é impositivo que comandantes em diferentes níveis estabeleçam diretrizes que restrinjam excessos nas atividades de detenção e de interrogatório. A prática da tortura é um procedimento inaceitável, devendo ser encarado como tolerância zero! Mas, o problema não é insolúvel, a experiência tem demonstrado que a resposta está numa liderança ativa, responsável e competente em todos os escalões (particularmente, nos menores que, rotineiramente, estarão operando com elevado grau de descentralização).

Há que se destacar ainda que, em função de suas capacitações operacionais específicas, as FOpEsp são particularmente aptas tanto na execução das operações de inteligência quanto na execução imediata de operações que aproveitem as informações obtidas. Essa aptidão específica ganha uma enorme relevância quando o foco das operações visa a neutralização de alvos de alto valor estratégico, operacional ou tático para o teatro de operações considerado.

O Ambiente Psicossocial

Ao apreciar os aspectos operacionais e táticos de uma campanha de guerra irregular, há que se destacar que, cada vez mais, ganha relevância o ambiente psicossocial. A dimensão humana passou a se constituir num relevante e sempre presente fator de decisão. Aprender a lidar com as complexidades humanas e culturais, características dos conflitos irregulares atuais, transformou-se num aspecto fundamental. Inclui, acima de tudo uma infinita paciência, atributo não muito desenvolvido pelas lideranças militares, mas impositivamente necessário, até para que se possa conviver emocionalmente com altos níveis de frustração, cólera e ressentimento, tão comuns em situações dessa natureza.

O conhecimento cultural tornou-se impositivo porque é, atualmente, um poderoso multiplicador de forças. Significa muito mais que o mero domínio de línguas. Consubstancia-se no conhecimento histórico, costumes sociais e religiosos, valores e tradições. Não raro, esse conhecimento se torna mais importante que o conhecimento fisiográfico do terreno. A empatia transformou-se numa poderosa arma. Soldados são, na atualidade, impositivamente, adestrados na obtenção do apoio da população o que, conseqüentemente, resultará na obtenção de inteligência humana, imprescindível para a campanha.

O conhecimento cultural e a habilidade para construir laços de confiança proporcionarão uma proteção da força mais efetiva do que qualquer colete blindado. Ernesto “Che” Guevara enfatizava, com muita propriedade, que “*Hay que endurecer pero sin perder la ternura jamás.*” Declaração que se transformou num princípio básico, globalmente reconhecido, para “ganhar corações e mentes”.

5. Conclusão

“O Conflito de 4ª Geração”, característico do Século XXI, processa-se em ambientes operacionais extremamente fluídos, com a presença de coalizões, alianças, parcerias e novos atores dos mais variados matizes. Os grupos sociais estão cada vez mais organizados em torno de crenças e ideologias, e não mais de localização geográfica. E, não raro, as crenças apresentam profundas incompatibilidades entre si. As confrontações armadas estão sendo cada vez mais desencadeadas como formas de imposição de vontades fundamentadas nas mais variadas motivações. Motivações que, em função da avaliação de diferentes perspectivas culturais profundamente heterogêneas e, muitas vezes, conflitantes, tornam-se incompreensíveis e absolutamente injustificadas. E a instituição do Estado Nacional soberano tem, na atualidade, seu conceito bombardeado como ultrapassado e absolutamente anacrônico, numa visão caracteristicamente subversiva e mal intencionada.

Torna-se fundamental o perfeito entendimento das grandes transformações que a guerra convencional sofreu para chegar-se aos conflitos orientados pelas táticas, técnicas e procedimentos da atual guerra irregular. Segue-se uma síntese de comparação entre essas duas formas distintas de fazer a guerra.

A guerra convencional é travada entre estados nacionais; caracterizada por confrontações diretas, que visam, fundamentalmente, derrotar militarmente o inimigo; visa influenciar o governo do oponente; o foco das operações é o terreno; a interferência civil nas operações é mínima; e predominam as operações ofensivas e defensivas.

A guerra irregular envolve atores estatais e não-estatais; desenvolve-se mediante aproximação indireta baseada numa perspectiva holística que envolve aspectos políticos, econômicos, psicossociais, militares e científico-tecnológicos, visando erodir o poder, a influência e a vontade do oponente; procura a obtenção da legitimidade e da credibilidade junto a diferentes audiências-alvo; as operações têm como foco a presença permanente da população civil não-combatente; e as operações resultam de uma complexa combinação entre operações ofensivas, defensivas e de estabilidade.

Na atualidade, o conceito de guerra irregular, que tem uma aceitação majoritária no seio da comunidade militar internacional, em função de sua clareza, atualidade e objetividade, é o adotado nos EUA: *“luta violenta entre estados e grupos armados não estatais pela legitimidade e influência sobre uma população relevante.”* A guerra irregular, no seu mais atualizado entendimento, compreende as atividades de: insurreição e contra-insurreição; combate não convencional; terrorismo e contraterrorismo; operações de estabilidade, segurança, transição e reconstrução; comunicações estratégicas; operações psicológicas; operações cívico-militares; operações de informação; atividades de inteligência e contra-inteligência; atividades criminosas transnacionais tais como narcotráfico, contrabando de armas, e lavagem de dinheiro que sustentam atividades de guerra irregular; e atividades de segurança pública que previnem e combatem as atividades de guerra irregular.

O “Conflito de 4ª Geração” está produzindo uma modificação radical no perfil do preparo dos militares em todo o mundo. Antigos “profissionais da arte da guerra” estão, no momento, transformando-se, impositivamente, em “profissionais de segurança”. Os conflitos armados do século XXI estão a exigir comandantes, em todos os níveis, capazes de enfrentar um inimigo convencional num determinado momento, para logo no momento seguinte, fazer face a um inimigo irregular e, em seguida, engajar-se nas atividades de assistência humanitária, reconstrução das instituições e infra-estruturas básicas da governança local (em particular, aquelas relacionadas à segurança). Atividades estas que, não raro, são executadas simultaneamente, pelos mesmos comandantes, líderes criativos, flexíveis e, sobretudo, proativos, que devem ter em mente que, hoje, em função da dramática complexidade dos ambientes operacionais, muito mais difícil do que ganhar a guerra é ganhar a paz.

Bibliografia

Augusto, Agnaldo del Nero, “A Grande Mentira”, Rio de Janeiro; Biblioteca do Exército Editora, 2001.

Carr, Caleb, “The Lessons of Terror”, New York, Random House, Inc, 2002.

Clausewitz, Karl von and Tzu, Sun, “The Book of War: On War and The Art of Warfare”, New York, Modern Library, 2000.

Coll, Steve, “Ghost Wars: The Secret History of the CIA, Afghanistan and Bin Laden from the Soviet Invasion to September 10th, 2001”, London, Penguin Books, 2005.

Felix, Jorge Armando, “Contraterrorismo”, Suplemento Especial No 15 Ano 23, Revista “Tecnologia & Defesa”, São Paulo, 2007.

Friedman, George, “Four Years On: Who is Winning the War, and How Can Anyone Tell?” Stratfor, September 13th, 2005.

Hammes, Thomas, "Insurgency: Modern Warfare Evolves into a Fourth Generation", Institute for National Strategic Studies (INSS), National Defense University (NDU), Washington D.C., January 2005.

Hasler, Jeffrey, "Conventional, Irregular, and Unconventional Warfare", 2nd Annual Joint Special Operations University (JSOU) Symposium, Hurlburt Field, Florida, May 1st, 2007.

Petraeus, Dave, "Learning Counterinsurgency: Observations from Soldiering in Iraq", Military Review, US Army Command and General Staff College, Fort Leavenworth, Kansas, January-February 2006.

Pinheiro, Alvaro de Souza, "Guerrilha na Amazônia: Uma Experiência no Passado, o Presente e o Futuro", Military Review, US Army Command and General Staff College, Fort Leavenworth, Kansas, 1^o Quadrimestre de 1995.

Pinheiro, Alvaro de Souza, "Narcoterrorism in Latin America: a Brazilian Perspective", Joint Special Operations University (JSOU) Report 06-4, The JSOU Press, Hurlburt Field, Florida, April 2006.

United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC), "World Drug Report 2007", New York, May 2007.

Ustra, Carlos Alberto Brilhante, "A Verdade Sufocada", Brasília, Editora Ser, 2006.